

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR
JOÃO ADELINO DIAS PENA

DIRECTOR REGIONAL EM LISBOA
Jorge Manuel Freire Medeiros

ANO I N.º 8

DOMINGO - 2 de Agosto de 1953

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

O FOMENTO DO TURISMO DO ALGARVE DEPENDE DA SOLUÇÃO DO PROBLEMA DA TRAVESSIA DE VEÍCULOS PESADOS PELO GUADIANA

PARA contrabalançar notícias desagradáveis, lesivas dos interesses materiais da nossa terra, chegamos notícias reconfortantes acerca da nossa Comissão Municipal de Turismo. Já existe — e este é o primeiro sintoma bom. O outro sintoma não menos animador é de que a constituem pessoas idóneas tanto no ponto de vista moral como no ponto de vista intelectual. Duas garantias sólidas às quais não faltarão a garantia enérgica a quem oferece tais méritos — a garantia do trabalho.

Muito vai ter a Comissão que fazer. Diremos mesmo, sem menosprezo da acção das anteriores, que ela vai ter que fazer tudo. É muito, temos de o reconhecer, mas o certo é que alguém tinha que começar. E o começo é animador. Gente nova desempoeirada, com desejo de trabalhar — isto é o que era preciso para se dar começo à faina.

Dispensam, por certo, os ilustres membros da Comissão que lhes ofereçam directrizes ou lhes marquem um norte na proveitosa e louvável acção que se preparam para desenvolver em proveito do turismo concelhio, regional e nacional. A circunstância, de antemão averiguada, dessa dispensa não nos isenta de modestamente lembrar aquilo que parece ter sido esquecido ou, melhor, nunca lembrado. E dentro deste humilde critério de meras sugestões, nós lembramos que

(CONCLUÍ NA 2.ª PÁGINA)

FESTEJOS EM CASTRO MARIM

EM HONRA DE NOSSA SENHORA DOS MÁRTIRES

REALIZAM-SE nos dias 14 e 15 deste mês os tradicionais festejos em honra de Nossa Senhora dos Mártires, Padroeira de Castro Marim. A Direcção da respectiva Confraria, que é constituída pelos srs. P.º João Alves de Araujo, Dr. João Dias Cavaco e Francisco da Fonseca Franco, propõe-se dar a estas festividades, que todos os anos levam àquela vila grande número de visitantes, o maior brilho e solenidade.

Do programa respectivo, que já se encontra elaborado, constam, além das cerimónias religiosas, diversas atracções desportivas, concertos musicais e quermesse.



Imagem de Nossa Senhora dos Mártires

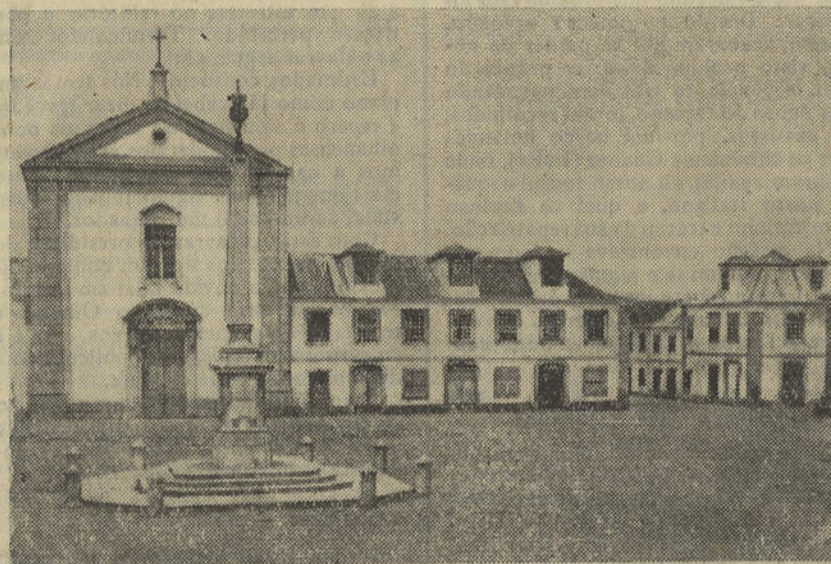
DA HISTÓRIA DA NOSSA TERRA AS CERIMÓNIAS DA INAUGURAÇÃO OFICIAL DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO EM 1776

E A PARTE QUE NELAS TOMARAM AS UNIDADES MILITARES DE LAGOS E FARO

O INVESTIGADOR, nosso comprovinciano, Dr. Alberto Iria devemos a revelação de curiosíssimos documentos acerca da história da nossa terra e que ele reuniu numa valiosa brochura intitulada «Vila Real de Santo António reedificada pelo Marquês de Pombal». Graças à colecção de cartas e de outros documentos que o ilustre algarvio deu à estampa sabemos que a primeira pedra simbólica para a construção da nossa terra foi lançada em 17 de Março de 1773 pelo juiz de fora Dr. Nicolau Pedro Vitória de Mendonça. Os terrenos sobre os quais assenta Vila Real eram alagadiços e tornou-se necessário proceder à sua terraplanagem e alteamento com areia das dunas e lamas da Carrasqueira. Desse serviço foram incumbidas duas companhias de Infan-

taria de Castro Marim que trabalhavam de sol a sol, e mais tarde soldados do regimento de Lagos.

Mas a inauguração oficial da Vila só se festejou no dia 13 de Maio de 1776, aproveitando-se o descerramento do obelisco da antiga Praça Real e por naquele dia passar o aniversário do fundador da nova



A Praça Marquês de Pombal (antiga Praça Real) tal como era em 1849, isto é, 73 anos depois da sua inauguração. O obelisco não tinha o gradeamento e o prédio lateral da igreja não fora substituído pela actual construção que, como os Paços do Concelho, destoa da arquitectura pombalina. A linda praça foi mais tarde pavimentada como está hoje e até nessa pavimentação há um cunho nítido da nossa posição de grande porto de mar. As pedrinhas brancas e pretas que pisamos todos os dias vieram de longe, no bojo dos veleiros que outrora (no tempo das escunas, patachos, barcas e galeras) lançavam âncoras no nosso lindo rio. Serviram de lastro a esses barcos que eram aqui aliviados para meter carga. As pedras pretas vieram da Ilha da Madeira; as brancas de Gibraltar.

A fotografia que reproduzimos julgamos ter sido feita por um amador ohanense e foi-nos cedida pelo nosso amigo e ilustre artista fotógrafo João Ribeiro Barbosa. El aproveitamos o ensejo para pedir a este nosso amigo e entusiasta da terra onde nasceu que dê uma volta ao seu valioso arquivo e reproduza tudo o que se refere à nossa e sua terra para figurar no futuro museu-arquivo que alguma decidida Câmara resolva criar e onde ficarão patentes aos olhos das gerações futuras muitas das manifestações e acontecimentos (visitas régias e presidenciais, inauguração do caminho de ferro, festas, naufrágios, etc.) que tiveram por cenário a nossa vila, documentário que se não for agora reunido corre o risco de perder-se com grande prejuízo para a história da Vila Pombalina.

localidade, o Marquês de Pombal.

Para a inauguração foi elaborado, como é natural, um programa festivo o qual por ser muito curioso e conhecido de poucos dos nossos conterrâneos vamos transcrever do valioso trabalho do Dr. Alberto Iria. Ei-lo:

«Quartel General de Villa Real de Santo António 12 de Mayo de 1776. — Amanhã 13 do corrente pelas nove horas da manhã se acharão formados, e postados em Batalha no Terreno, que jaz entre os Medos altos, e o lado da Villa os dous Regimentos de Faro e de Lagos, na mesma linha, com a frente para a Villa, e fileiras abertas. A Companhia de Granadeiros do Regimento de Lagos se postará à Esquerda do mesmo Regimento. A primeira Companhia de Cavallaria se achará postada à Direita do Regimento da Direita; e a segunda Companhia da mesma Cavallaria no lado Esquerdo do segundo Regimento. As duas Companhias d'Artilharia se postarão em sufficiente distancia, segundo o permitir o Terreno, na

José Barão

Tivemos o prazer da visita do nosso querido amigo e colaborador sr. José Barão, jornalista muito distinto, que, durante alguns dias, permaneceu entre nós.

CRÓNICA DE LISBOA

ESTAVA um sol escaldante, as praias repletas daquele público anerente aos Domingos da Costa do Sol, em que elas tomam banho em combinação e eles não esquecem o garrafão de vinho para a merenda.

O Estoril apenas, estava diferente, menos gente; faltavam aquelas calças «à pescador» e as blusas de riscado que entrecruzam nas Arcadas, com os meninos de camisa de gola levantada e sandálias de tirinhas.

No Tamariz não passeavam aquelas pernas tostadas, postas a descoberto por uns shorts curtíssimos e ligeiramente indiscretos. A substituir as meninas de «everglaze», malinha de polimen-

FOR VERA PONCE DE LÉON

to e saltos altos. Os forasteiros que vêm tomar o chazinho ao Estoril.

Mas onde estava a população cosmopolita e elegante, que passeia os seus ocios entre aquele mar azul que banha uma praia que não é praia, onde uns calhaus antipáticos tomaram o lugar de fina areia e aquele parque lindíssimo de exóticas palmeiras, ao topo do qual se vê uma espécie de caixa de linhas estranhas a que deram o nome pomposo de Casino.

Quando o Estoril se despoeva, é porque algum acontecimento de relêvo se está desenrolando na capital ou arredores, o qual atraiu os habitués de São Carlos e das touradas do Campo Pequeno.

Foi o que se deu no passado Domingo. Lisboa tem a sua corrida de Automóveis, disputa-se o «Grande Prémio do Jubileu do Automóvel Clube de Portugal».

Apesar de dizerem, que as corridas interessam apenas a um público restrito, não impediu que ao longo do percurso se encontrassem à volta de oitenta mil pessoas.

O circuito de Monsanto, enquadado por um cenário férreo e iluminado por aquele céu puríssimo do nosso Portugal, decorreu num ambiente de emoção e espetativa impossíveis de descrever.

A corrida teve início às 15,20 com os carros «Sport» de pequena cilindrada.

A prova foi emocionante. Sou leiga no assunto mas vibrei de entusiasmo e sofri calafrios com a renhida competição que desde o início se travou entre Abilio Barros e Corte Real Pereira.

O jovem portuense de 19 anos

(CONCLUÍ NA 8.ª PÁGINA)

Dr. Sousa Carvalho

Encontra-se a veranejar em Monte Gordo, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante sr. Dr. João Bernardino de Sousa Carvalho, Juiz Desembargador da Relação de Lisboa.

ALGARVE

Agradecemos a este prezado colega, que se publica em Faro, as amáveis referências que se dignou fazer a respeito do nosso jornal.

TIRO AOS PRATOS

Organizado pelo Clube Náutico, realiza-se este mês, na praia de Monte Gordo, um torneio de tiro aos pratos, no qual serão disputadas valiosas taças.

Sabemos que o clube organizador conta já com a presença de alguns dos melhores atiradores da província, esperando-se, portanto, que o referido torneio decorra bastante animado.

O RISO DA SEMANA



— Não! Nada a declarar!!..

NOTÍCIAS PESSOAIS

Casamento

Na igreja de Nossa Senhora do Carmo, em Faro e sendo celebrante o nosso conterrâneo Rev.º sr. Conego Dr. Batista Delgado, realizou-se no passado dia 29 de Julho, a cerimónia do casamento da sr.ª D. Maria do Carmo Arcaño Cruz, gentil e prendada filha da sr.ª D. Joana Arcaño da Cruz Matamouros e do sr. António Batista da Cruz, com o sr. Diamantino Duarte Baltazar, aluno da Faculdade de Medicina, filho da sr.ª D. Maria Duarte Baltazar e do nosso estimado amigo sr. Diamantino M. Baltazar, conceituado comerciante nesta vila.

Foram padrinhos por parte da noiva seus tios sr.ª D. Maria Catarina Arcaño Matamouros e o sr. João Viegas Matamouros, e por parte do noivo seus pais. Após o casamento, foi servido em Olhão, na residência dos padrinhos da noiva, um finíssimo lanche, tendo o casal, a quem desejamos as maiores venturas, seguido para a Espanha em viagem de núpcias.

Nascimento

No dia 14 do mês passado, em Luaná, teve a sua delivrance, dando à luz uma robusta criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria de Nair Correia Fernandes E. Tavares Guerreiro, esposa do sr. Eng.º João Tavares Guerreiro, funcionário das Obras Públicas de Angola. Mãe e filho encontram-se bem.

Partidas e Chegadas

Da visita que realizou a Espanha, em companhia de sua esposa, já regressou a Faro o sr. Dr. Manuel José da Fonseca, ilustre Secretário Geral do Governo Civil daquela cidade.

Regressado de Itália, onde permaneceu algum tempo, encontra-se entre nós o nosso estimado assinante e distinto amigo sr. Comendador D. Mário Parodi.

Com sua esposa e filha esteve em Lisboa tendo já regressado a esta vila, o sr. João Cumbreira Ramirez, sócio-gerente da firma Ramirez, Perez, Cumbreira & C.ª.

Encontra-se nesta vila, em gozo de férias o sr. Fernando Leonel Viegas Alvares, aluno da Faculdade de Medicina, filho do nosso estimado amigo e assinante, sr. Manuel Rodrigues Alvares.

Com sua esposa e filhos, regressou de Santarém, o sr. Amandio Manso Ribeiro, distinto Chefe da Secção de Finanças, nesta vila.

Regressou de Lisboa o nosso prezado assinante sr. Fernando Pego Garcia de Vasconcelos, com sua esposa sr.ª D. Maria da Encarnação Ferreira Mendes de Vasconcelos, directora-técnica da Farmácia Carmo, e sua filha.

Também regressou de Lisboa a sr.ª D. Alda Ferreira Mendes, distinta poetisa, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. Julio Mendes, director da Electro Fabril.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o sr. Dante Barbosa Guerreiro, nosso prezado assinante em Lisboa que acompanhado de sua esposa e filho, foi hospede de seus pais.

Em gozo de férias encontra-se no Azinhão o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa o sr. José Casimiro de Lima, distinto desenhador de arte, filho do nosso amigo sr. José de Lima, conceituado industrial nesta vila.

Regressou de Lisboa o nosso estimado assinante sr. Aurélio de Brito Clemente, acompanhado de sua esposa e filha Maria Júlia, que foi submetida a operação cirúrgica.

Encontra-se nas Caldas de Monchique fazendo o seu tratamento anual a sr.ª D. Maria Emilia Machado Correia, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. António Peres Correia.

Regressou de Lisboa o sr. Dr. José Cavaco, com sua esposa e seu filho José, estudante do Colégio Moderno.

Encontra-se nesta vila com sua esposa de visita a seus sogros o sr. Ivo Neto Madeira Nobre.

Acompanhado de sua família já regressou de Lisboa o nosso querido amigo e assinante sr. Eng.º Carlos José Freire Medeiros que está veraneando em Monte Gordo.

Vindo de Tanger, encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo sr. Manuel José Dias.

De visita a seus pais encontra-se nesta vila a sr.ª D. Maria Leonilde Pinheiro Santana Silva com seu filho António Manuel, esposa do sr. Tomaz San-

Noticiário da Província

LUZ DE TAVIRA

A Casa do Povo desta localidade leva a efeito, hoje, por intermédio do seu Centro de Recreio Popular, uma festa que constará de Baile, abrilhantado pela Orquestra Royal Sambrazense, com o seu vocalista José Amândio, e para a qual prestará a sua valiosa colaboração a consagrada cançonetista da Emissora Nacional, Maria José Valério.—C.

OLHAO

No passado dia 25 de Julho, chegaram no comboio rápido a esta vila os cinco naufragos de uma lancha que há dias se aventuraram a emigrar clandestinamente, com destino a Marrocos, em busca de trabalho. São eles:

Elias Pedro da Graça da Ponte, José dos Santos Apolinário, Manuel Filipe Esquilha, João Gonçalves Lopes e José Guerreiro, respectivamente, de dezesseis, vinte e cinco, trinta, trinta e quarenta anos de idade.

Contam os naufragos que se encontravam a 250 milhas de Marrocos, quando se perderam; a dada altura os tripulantes de um barco espanhol deram-lhes de comer e ensinaram-lhes a rota a seguir até ao destino que procuravam alcançar. Devido ao imenso nevoeiro, porém, acabaram por se perder de novo, visto nenhum deles ter prática do mar, e depois de três dias, navegando nas águas do Oceano, foram recolhidos, já exaustos, por um barco holandês que os conduziu a Génova (Itália), onde pediram auxílio ao nosso consul naquele porto italiano, o qual os acolheu com carinho e tratou da sua repatriação.

Na estação encontrava-se inúmeras pessoas de família e alguns amigos dos naufragos à espera do comboio rápido. Depois de cumprido o termo de residência foram mandados embora com liberdade.

Sporting Clube Olhanense

No passado dia 17 de Julho realizou-se em Olhão, na Sociedade Recreativa Progresso Olhanense, gentilmente cedida para o efeito, a Assembleia Geral Extraordinária do Sporting Clube Olhanense com a seguinte ordem de trabalhos: *Aprovação e discussão do relatório da Direcção sobre a situação do Clube e novas medidas a tomar.*

No impedimento do presidente da Assembleia Geral, sr. Tenente-Coronel Carlos Victor Braga, presidiu à mesma o vice-presidente, sr. Dr. Arnaldo de Matos, ladeado pelos srs. Manuel Saias e Luciano Cativo.

Em primeiro lugar o sr. presidente da mesa pôs à discussão a acta da Assembleia Geral anterior que foi por todos aprovada.

A seguir o presidente da direcção do clube, o importante industrial sr. Carlos da Cruz fez algumas considerações

tana Silva, nosso prezado assinante em Lisboa.

Encontra-se nesta vila a sr.ª D. Maria José de Lima A'vila, com seu filhinho, esposa do sr. Vital A'vila.

Regressou de Lisboa o nosso prezado assinante sr. Norberto Bento Domingues com seu filho Norberto, aluno do Colégio Moderno e sua filha Maria da Encarnação.

Está em Loulé, de visita a sua família, a menina Maria Joséfa Machado Correia.

Encontra-se em Alcantarilha, a passar o verão, a menina Maria Manuela de Oliveira Rosa, filha do nosso prezado assinante e amigo sr. Manuel de Oliveira Rosa.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o nosso querido amigo e prezado assinante em Castro Marim, sr. António Cordeiro Marques da Costa, provedor da Santa Casa da Misericórdia, naquela vila.

Encontra-se nesta vila com pequena demora o nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. Capitão António dos Santos Gonçalves.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o nosso prezado amigo sr. António Moreira Parra, distinto Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Castro Marim.

Encontra-se a veranear em Caneças, a nossa prezada assinante sr.ª D. Amélia Cezar, residente em Lisboa.

Encontra-se nesta vila o sr. João Manuel Magro Rosa, filho do nosso assinante sr. Manuel de Oliveira Rosa

sobre a vida do clube, falando nas páginas gloriosas dos antigos campeões de Portugal, e terminando com as seguintes palavras: — Com o sacrificio de todos os simpatizantes, amigos e sócios o Olhanense poderá guindar-se novamente no lugar perdido, mas para isso é necessário aplaudirem a direcção presente, e uma vez que o relatório que vamos ter a honra de apresentar aos nossos consócios, ser reprovado nós imediatamente pediremos a nossa demissão, visto este relatório ter dado muito trabalho e porque já temos um plano traçado.

Procedeu-se depois á leitura do relatório apresentado pela direcção que depois de lido foi esmagadoramente aprovado, embora o consócio, sr. Joaquim Carapeto tivesse reprovado com algumas razões para isso, visto não se poder aprovar um relatório que seja posto á apreciação na hora da assembleia, quando esse relatório deveria estar uns dias antes pronto e afixado na sede do clube.

A seguir tomou a palavra novamente o sr. presidente da direcção que informou os sócios que o relatório não pôde ser afixado na sede do clube, porque não tiveram tempo para isso, declarando que a direcção estaria á disposição de qualquer sócio para o informar de algo que estivesse no relatório e não tivesse percebido. Terminando com as palavras seguintes:

Estimados consócios; Nós temos um plano como já acabei de dizer traçado, e espero o sacrificio de todos os bons olhanenses para podermos assim, levarmos a cabo o que desejamos, tanto mais que já temos alguns jogadores em vista, assim como um treinador.

Com estas palavras do presidente do clube os consócios ficaram contentíssimos por terem ouvido falar em jogadores, porque sem dúvida o Olhanense tem falta de elementos novos. A sala encontrava-se repleta de público, numa demonstração de fé clubista.

Erão precisamente 0 horas quando o sr. Dr. Arnaldo de Matos, presidente da mesa da Assembleia Geral deu por finda esta reunião entre olhanenses.

DIZ-SE

...que José Fernandes, o conhecido médio de ataque do S. C. Olhanense, deverá esta época ingressar na Associação Académica de Coimbra. Os antigos Campeões do Algarve com a saída deste jogador sofrerão uma baixa importante no 1.º team, ao passe que o clube da Briosca contará com um excelente jogador para se juntar a Francisco Abreu também um belo elemento ex Olhanense.

...Hilário talvez não envergue esta época a camisola do Portimonense, visto haver grupos de Lisboa interessados nos seus serviços.

...que o extremo direito alcantarense Germano, que nas épocas transactas representou o Lusitano Futebol Clube, deverá ingressar no S. C. Farense, quando se esperava que o dito jogador tivesse entrado em negociações com o Olhanense, conforme se falava nesta vila.

...que Balela, Ventura e Rato deixam esta época o S. C. Farense, visto segundo nos dizem abalarem para África. Com a saída destes três elementos o clube da capital algarvia sofrerá uma grande baixa.

...que o treinador de futebol José Lopez Martínez regeitou um convite em Sevilha para fazer parte do conselho técnico do Sevilha Futebol Clube, visto estar conforme falam naquela cidade em negociações com o Sporting Clube Farense.

...que Garcia e Molina que representaram o Portimonense a época passada voltaram a Espanha, visto não se ter resolvido nada entre o Portimonense e aqueles jogadores. Segundo nos informam aqueles jogadores queriam 50.000 pesetas, para jogarem a época de 1953-1954.

CERTezas

No Estádio Padinha começaram no passado dia 24 do mês de Julho os treinos de preparação física do S. C. Olhanense sob a orientação do técnico Armando Martins. Além dos jogadores do 1.º team compareceram muitos jovens...

Depois de ter voltado a França, afim de negociar a carta de desobrigação com o Angers, chegou a esta vila o simpático jogador ex-Olhanense, Fernando Cabrita, que jogará esta época no clube da Covilhã, junto com os algarvios, Izaurindo, Cavém I, Cavém II e Helder.

Ao jogador algarvio Cabrita, desejamos-lhe em nome dos olhanenses e de todos os algarvios muitas felicidades no seu novo clube.—Herculano.

VILA NOVA DE CACELA

Casamento

Na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, sendo celebrante o Rev. Pároco António Manuel Nobre, realizou-se no passado dia 26 de Julho o enlace matrimonial do sr. Manuel Guerreiro Rosa Mendes, filho do sr. António Rosa Mendes e da sr.ª D. Clemencia Guerreiro Rosa Mendes, com a professora oficial D. Maria Isabel Pato Nunes, prendada filha do sr. Manuel Pereira Nunes e da sr.ª D. Rita Maria Pato Nunes.

Paraninfaram o acto, por parte do noivo, seu pai e sua irmã Mle. Maria Isabel Guerreiro Rosa Mendes e por parte da noiva seu pai e a sr.ª D. Mariana Guerreiro Rosa Mendes Chagas, irmã do noivo.

Os nubentes seguiram em viagem de núpcias para Lisboa, fixando depois a sua residência nesta freguesia, onde o noivo exerce a sua profissão na Moagem de Caceia, Lda.

Aos convidados foi servido um finíssimo lanche em casa dos pais da noiva.

Curso de Bordados «Singer»

Depois de sete semanas de trabalhos, sob a hábil competência da professora D. Judite Martiniano Fernandes, realizou-se no passado dia 26 de Julho uma interessante exposição de bordados e corte onde se viam lindos e valiosos trabalhos tais como toalhas, sacos, almofadas, tapetes, vestidos, etc., que foram visitados, por centenas de pessoas que permanentemente examinavam os trabalhos, aos quais teciam elogios. Assistiu á exposição o sr. José da Fonseca, Inspector Geral da Zona e António R. da Conceição Trindade, Agente da «Singer» nesta localidade. A's alunas e respectivas famílias foi servido um Porto de Honra, que deu lugar a diversos brindes, sendo a professora muito cumprimentada pelo bom gosto dos trabalhos expostos.

Desastre

No dia 27 de Julho quando José António da Costa, de 65 anos, trabalhava numa pedreira do sitio do Bêco desta freguesia, ao carregar um tiro este explodiu inesperadamente, deixando o pobre homem muito mal tratado pelo que teve de ser pensado no Hospital de Vila Real de Santo António pelo médico de serviço sr. Dr. Reinaldo Prazeres, seguindo a conselho deste clinico, para a clinica Traumatológica da Companhia de Seguros «A Mundial», em Lisboa, onde ficou internado por o seu estado inspirar cuidados.—C.

FERRAGUDO

Falecimento

Faleceu nesta localidade, no dia 12 de Julho, a sr.ª D. Ildelfonsa da Conceição, de 74 anos de idade, natural de Portimão. A saudosa extinta era casada com o sr. Manuel João, proprietário, e irmã das sr.ªs D. Mariana da Conceição Bravo Correia, e D. Maria Ruivo Bravo, e cunhada do sr. Joaquim Correia Rocha, Sargento, reformado, da Armada, e proprietário. Pessoa muito virtuosa e dotada de grande bondade, o seu funeral constituiu uma sentida manifestação de pesar, tendo-se incorporado nele pessoas de todas as condições sociais e algumas instituições da paróquia, com suas insignias.

Apresentamos condolências á família enlutada.—C.

Rui Baptista Peres

Foi aprovado no concurso para ingresso no Quadro Geral Administrativo dos Serviços Externos da Direcção Geral da Administração Política e Civil (3.ª classe—2.ª categoria), obtendo elevada classificação, o sr. Rui Baptista Peres, aspirante da Câmara Municipal de Tavira, filho do nosso prezado amigo sr. Alfredo Baptista Peres, chefe da Secretaria daquela Câmara.

Os nossos cumprimentos de parabens.

No próprio interesse de V. Ex.ª
consulte sempre a

TIPOGRAFIA SOCORRO

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

para a confecção dos seus
impressos e carimbos

Telefone 59 Caixa Postal N.º 3

AGENDA

Movimento da Bota
de Vila Real de Santo António

Vendas efectuadas de 24 a 30 de Julho:

Traineeiras:	
Oeste	880,500
Janita	1.480,500
Tenacidade	1.920,500
Jorge Carlos	8.220,500
Pérola do Guadiana	8.340,500
Batinha	8.700,500
Liberta	8.840,500
Boreal	4.200,500
Carmela	5.240,500
Leste	6.180,500
Maria Rosa	6.650,500
S. Domingos	6.685,500
Levante	6.980,500
Flor do Guadiana	7.080,500
Agadão	7.220,500
Norte	8.060,500
Brisa	8.140,500
Tufão	10.365,500
Flor do Sul	10.690,500
Manuela	13.070,500
Deolinda Rita	18.780,500
Raulito	21.090,500
Total	158.810,500

Cercos:	
Restauração	2.720,500
S. José 3.º	8.650,500
Estrela do Sul	4.070,500
Futuro de Olhão	30.805,500
Total	41.245,500

Atum da Costa Algarvia

2 Cachorretas	175,580
58 Albacoras	14.288,540
559 Aturros	231.341,580
5 125 Atuns	3.371.162,520
Total	3.616.958,520

Movimento de Navios no Porto
de Vila Real de Santo António
de 24 a 30 de Julho:

Entrados:	
CONDESA, Espanhol, de 1.306 toneladas, de Lisboa, com carga diversa.	
DORIDE, Italiano, de 676 toneladas, de Lisboa, com carga diversa.	
RIO A'GUEDA, Atuneiro Português, de 886 toneladas, do Funchal, com atum.	
SILVA GOUVEIA, Português, de 898 toneladas, de Lisboa, vazio.	
Saídos:	
COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.	
SILVA GOUVEIA, Português, para Lisboa, com minério e enxofre.	
CONDESA, Espanhol, para Ceuta e Marselha, com alfarroba.	
DORIDE, Italiano, para Málaga e Génova, com conservas.	
RIO A'GUEDA, Atuneiro Português, para Aveiro, vazio.	
SILVA GOUVEIA, Português, para Lisboa, com minério.	

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 1 a 7 de Agosto a Farmácia Carrilho-Praca Marquês de Pombal - Telefone 49.

HORÁRIO DE CAMIONETES

Entre Vila Real e Monte Gordo:
Partidas de Vila Real — às 8,20, 9, 10, 12,15, 13,15, 17,15 18,15, 19,15, 21,30 e 22,30 horas.

Partidas de Monte Gordo — às 8,35, 9,15, 10,30, 12,45, 13,45, 17,45, 18,45, 20,30, 22 e 1,30 horas.

Este horário tem início em 1 de Agosto até 30 de Setembro.

Vila Real - Faro,
às 7,25 - (faz ligação com a de Lisboa)-
9,30 - 11,25 - 12,30 - 14,30 - 16,25 - 17,30
18,30.

HORÁRIO DE COMBOIOS

Partidas de Vila Real - Lisboa:
Rápido todos os dias, às 13,13,
Correio, às 21,33 todos os dias.
Partidas de Vila Real - Lagos.
As 6,38, 15,43, 16 e 18.

CARREIRAS PARA AYAMONTE

Partidas às 11 e 16 horas.

AUTOMÓVEIS DE ALUGUER

Francisco Matias
António Ruivo Madeira
Renato Rosado

COMPRE E LEIA
«Enquanto a chuva cai»
contos de VERA PONCE DE LEÓN

**PARA SI
minha Senhora**

Novidades para 1954

por Noémia Gil Faria

ENQUANTO no campo ou na praia as elegantes usam os seus vestidos ligeiros e claros, em Paris vai uma azáfama enorme para que a moda de 1954 seja ainda mais bonita e mais elegante do que todas as anteriores.

Os fabricantes de tecidos já apresentaram as suas novidades para o próximo ano e os costureiros apressam-se em confeccionar com elas os vestidos e os casacos que nos maravilharão nas futuras passagens de modelos.

Anquil, o conhecido industrial francês, apresentou em lã a sua gaze opalina que tanto êxito teve na estação passada, mas então em seda. Ele conseguiu dar-lhe uma transparência, um aveludado e um brilho realmente extraordinários num tecido de lã.

Outra novidade é o tecido «marquillaine», mistura de lã e «marquissette» também muito brilhante e com um lindo efeito de riscas fininhas.

O «tussa», outra novidade em lã com mistura de seda, tem pequenos motivos tecidos que foram inspirados nas tapeçarias antigas.

Dentro das «gaze-opalinas» há uma variedade com efeitos de brocado e desenhos de cravos estilizados, pintas grandes ou pequenas e borboletas, mas não borboletas vulgares e sim as que estão em voga: as borboletas «surrealistas» de Salvator Dali.

Outra grande novidade é um tecido que lembra o astracan, mas com muito brilho pois é feito, igualmente, com lã e seda.

Os novos veludos são uma tentação, porque, com o emprego das fibras modernas, amachucam-se menos e as cores são extremamente suaves. O veludo vai usar-se sobretudo em blusas, que continuam a ser modernas, apesar da sua velhice.

A tendência quanto às cores parece ir para o oiro forte, o azul petróleo, o conhaque, o malva, o vermelho vinho, o cinzento, o amarelo claro, a linda cor de corça e todos os castanhos escuros.

As lãs apresentarão, ainda, a novidade da mistura das cores, pois além dos escoceses (para vestidos de tarde e de noite) usar-se-ão no mesmo tecido cores contrastantes, mas sempre em conjunto alegre.

Os conjuntos do encarnado, cinzento e amarelo, e do azul e cinzento, além de várias combinações no estilo «bayadère», são os mais interessantes que a moda propõe.

Embora a linha para 1954 ainda seja um mistério, os boatos querem que ela seja sóbria, embora com algumas excentricidades, como, por exemplo, um casaco cosido até ao joelho e abotoado só de aí para cima. Para ser vestido tem, fatalmente, de enfiar-se como uma saia, pelos pés ou pela cabeça.

Talvez as cavas sejam mais baixas e a cintura fique no seu lugar ou levemente desviada. Esse desvio, segundo os tais boatos, seria dado apenas com o efeito de um cinto. Segundo o gosto dos costureiros, esse cinto desviaria a cintura para cima ou para baixo.

Alguns modelos, muito poucos, serão largos. A grande maioria será no estilo «redingote» bem justos na cintura e com roda dada por meio de «godets» ou pregas muito fundas.

O tecido ideal para casacos será o veludo de lã, agora muito macio, pois lhe acrescentaram uma boa dose de lã angora.

Os casacos para «depois das cinco» serão, quase sempre, pretos.

Enquanto não chega, todavia, a moda 1954, as elegantes vão usando os seus lindos vestidos de seda ou algodão estampado, nos alegres conjuntos de cores que estão em voga.

As parisienses preferem, agora, os piqués estampados. As lisboetas, porém, como eles ainda cá não chegaram, contentam-se com uma linda novidade, o «everglasse», e enchem as ruas da capital de coloridos a que não estávamos habituadas. Com os novos vestidos de corpinhos justos, cinta estreita e saia rodada «a jeito», e com os modernos sapatos de salto raso, as senhoras da capital lembram um grupo imenso de esbeltas bailarinas que andasse, espalhado pelas ruas, a ensaiar um bailado a que talvez pudéssemos chamar: «Como Lisboa seria mais bonita se as mulheres se vestissem sempre com cores alegres»...

Vimos, para si, nas montras do Chiado

...cintos muito largos, todos perfurados e em peles variadas.

...feitos originais em joias guarnecidas com turquezas, com rubis, com pérolas cinzentas ou com brilhantes; as pérolas negras, porém, estão mais no favor da Moda e, por isso mesmo, caríssimas.

...luvas de «piqué» substituindo as de «nylon» e as de «crochet».

...golas «à marinheira», em «chating» ou em «piqué» sobre vestidos, sobre conjuntos de duas peças e até sobre casacos.

...três cintos, estreitos, ligados entre si por uma argola de metal, dando a ilusão de um cinto largo.

...pequenos «canotiers» de cretone, para usar no campo ou na praia.

...capelinhas grandes de organdi branco ou preto, para os vestidos mais elegantes.

...raminhos de miosótis, para usar na casa-floreira do saia-e-casaco.

...cintos de «lastex», bastante altos e tendo pregados os mais diversos motivos de metal doirado.

...colares engraçadíssimos feitos com rosetas de rafia e tendo no centro de cada roseta uma minúscula flor de metal esmaltado.

...cestos bem lindos e caros, mas que são, afinal, os vulgares cestinhos de duas asas, muito abertos, pintados com tinta preta e forrados com lona azul forte, verde, amarela ou encarnada.

...chinelas de lona azul escura, iguais à saia e, como ela, bordadas com «soutache» branca.

GAZETILHA

Música

Quando a gente ayamontina ou mesmo a de Isla Cristina para festas se atavia, frequentemente contrata (talvez por ser mais barata) uma «música» algarvia.

Marciais e prazenteiras por irem além-fronteiras cá passam as filarmónicas, despertando ao Zé Pagode que as acompanha se pode lembranças boas, mas crónicas...

É que o vilarrealense nem brincando se convence que os tempos aqui mudaram; se éle próprio só quer bola, sem cafés não se consola e os carolãs... acabaram!

Fica a rotina sorrindo por ver como está falindo tudo em que o bairrismo mora e o Pagode corre à rua sonhando ser coisa sua a Banda que vem de fora...

BIN OCLIO

DA UTILIDADE

E INUTILIDADE DAS LEITURAS

COM BASTANTE frequência encontramos pessoas que se vangloriando de ler muitos livros, acusam, no entanto, uma tal indigência de conhecimentos, tão fraca cultura, horizontes mentais tão acanhados, que verdadeiramente não sabemos quais as vantagens que beneficiariam dessas leituras.

Há, assim, que distinguir duas qualidades de leitores: aqueles que leem com o objectivo de aprenderem e enriquecerem os seus conhecimentos; e os outros, os que devoram centenas de obras, preocupando-se apenas com a trama romanesca, o que se chama enredo, o principio e fim de qualquer história romanesca. Enquanto uns fazem das suas leituras um programa de estudo, os outros, limitam-se a ocupar o tempo com leituras de acaso. Estes últimos constituem a grande percentagem dos leitores portugueses, os que aceitam atrabiliariamente toda a espécie de máis livros e são os grandes consumidores da literatura policial, dos livros de côr de rosa, de toda a fantasmagoria literaria que satura o nosso mercado editorial. É essa gente de gostos adulterados, sem quaisquer preocupações intelectuais, incapaz de diferenciar uma Hellen Carlste

Repetição...

Nada me prende a nada...
Tudo me sabe a este gosto amargo de viver,
Que não tem fim!
Tudo me fala de cansaço,
— Este cansaço inútil de querer não sei o quê...
Tudo me foge e se me nega,
Na repetição eterna destas horas
Que marcam sempre os mesmos dias,
Com todos os segundos e todos os minutos,
Iguais,
A todos os segundos e a todos os minutos
Que passaram ontem...

Lisboa, Maio de 1953.

FERNANDO CALADO

FOR RODRIGUES PENA

duma Max du Veuzit, um Balzac dum Hall Gaine, que alimenta o movimento livreiro de todas as obras mediocres, mesquinhas e fúteis. Há, portanto, que distinguir, pelo menos, duas espécies de leitores, que, com certa propriedade, poderemos denominar de leitores activos e leitores passivos. Henri Heine dizia muito acertadamente que toda a gente poderia escrever livros, o que seria mais difícil era encontrar uma pessoa que soubesse ler uma única obra. No nosso entender, uma pessoa que sabe ler uma obra, seja um simples romance, é a que não abdica do seu espirito critico, o que só não se integra no assunto e acção do livro, mas a que é capaz de o compreender, de levantar questões, a que poderá discutir e formular problemas suscitados pela leitura. Esses são os leitores activos, os que estão em condições de beneficiar de toda a riqueza psicológica e ideológica das criações ficcionistas, os que estão aptos a compreender o pensamento do autor. Os outros, os que se confinam a passar indolentemente os olhos pelas páginas de centenas de livros sem nada de util aproveitarem a não ser os traços grosseiros do imbróglio que enformam esses livros. São esses os leitores que provocaram esta tremenda inovação do nosso tempo: os romances em quadrinhos, os desenhos com as respectivas legendas, indo assim ao encontro dum público que se diz lutar com falta de tempo e contudo enche os amplos estádios e cinemas. Ainda há bem pouco tempo, conversando com uma rapariga que se confessava habitual leitora de romances, ao perguntar-lhe se já lera qualquer obra de Balzac, ouvi dizer-lhe que conhecia apenas *A Prima Bette*, e esse único romance, através da publicação em quadinhos num jornal diário. O mais espantoso é que a rapariga se confessava conhecer Balzac, e com certa audácia, defendendo originais teorias literárias; no seu entender, bastava ler uma

AJUDEMOS OS NOSSOS BOMBEIROS

É necessário intensificar a campanha a favor da construção do seu Quartel-Sede

O PROPÓSITO de ajudar a prestimosa corporação dos Bombeiros Voluntários desta Vila, angariando os fundos necessários para a construção do seu Quartel-Sede, é iniciativa meritória, digna da simpatia e cooperação de todos, como já tivemos oportunidade de salientar. Todos reconhecemos e lamentamos as péssimas condições em que, presentemente, se encontram instalados os nossos Bombeiros. Mas não basta reconhecer essa lamentável deficiência: é necessário e indispensável que ajudemos a briosa corporação a resolver o problema urgente das suas instalações.

O movimento que um grupo de vilarealenses de boa vontade pôs em marcha, na tentativa louvável de dar solução a essa premente necessidade local, não obstante todos os esforços dispendidos, ainda não obteve, por parte de muitos que poderiam fazê-lo, o auxílio que era razoável esperar. Todavia, estamos certos que a actividade da Comissão acabará por obter uma compensação justa de todos os seus esforços, visto que o movimento iniciado é daqueles que, por sua natureza, congregam facilmente o apoio de todos.

Seguidamente, damos uma nota das importâncias já em poder da Comissão, bem como dos últimos donativos recebidos. E nos próximos números iremos fazendo referência aos que sejam entregues à Comissão respectiva (constituída pelos srs. José Alves Mestre, Guilherme Geneslay e Claudio de Oliveira) ou enviados à nossa Redacção.

Tansporte	7.509\$90
Produto do serão realizado no Cine-Foz	2.209\$90
Danativo do sr. Rafael Reis Rodrigues	14\$00
Idem do sr. João Cumbreira Ramires	14\$00
Juros do depósito, referentes a 1952	48\$00
Soma	9.795\$80

A Comissão agradece sinceramente a todos os que contribuíram para a obtenção desta verba.

**SILVES
E A SUA
ESCOLA COMERCIAL**

DE TODAS as aspirações que Silves tem — e não são poucas! — a mais instante, a mais premente, e, por isso mesmo, a mais legítima, é a que fez deslocar a Lisboa, no dia 17 do mês passado, uma Comissão bastante representativa, com o fim de se avistar com o sr. Ministro da Educação Nacional, a quem foi entregue uma bem fundamentada exposição, objectivando a necessidade que representa, para zona tão importante do Algarve, a criação do Curso Geral de Comércio na sua Escola Industrial e Comercial.

Essa Comissão, por que foi constituída por elementos das diversas actividades económicas, trabalhadoras e culturais, em que nem faltou a representação política e a própria colaboração do sr. Governador Civil do Distrito, diz, só por si, da magnitude do problema que foi levado às instâncias superiores.

Aquele problema, que transcende o interesse puramente local e vai ao ponto de interessar todo o concelho de Silves e os limitrofes concelhos de Lagoa, Portimão e Monchique, carece, na verdade, de uma solução urgente e adequada, a bem da economia do barlavento algarvio — o mesmo é que dizer: da economia da nossa Província, que tão grande projecção tem na economia geral da Nação.

Porque — é preciso ver — não é só a cidade de Silves que beneficia do quanto a sua Escola Industrial e Comercial contribui, em cultura e preparação técnica, para a valorização do País; são todas as freguesias do seu concelho, num total de sete e com uma população glo-

Esteve no nosso porto o atuneiro «Rio Águeda»

Na segunda-feira á tarde entrou no nosso porto o atuneiro «Rio Águeda», da Empresa de Pesca de Aveiro, um dos dois magníficos navios de pesca que abastece de atum a nossa indústria. O «Rio Águeda», que efectuou uma bela campanha, trouxe apenas 29 toneladas de peixe, tendo o restante (centenas de toneladas) sido enviado para fábricas estrangeiras embarcado no atuneiro «Rio Vouga». Parece que esta deliberação da Empresa armadora foi motivada por não querer provocar uma baixa de atum da costa algarvia na nossa lota, atendendo á circunstância de ter sido pescado ha poucos dias grande quantidade de atum do Algarve.

Os dois atuneiros far-se-ão ao mar ainda este mês para efectuarem nova pesca que, oxalá, seja muito abundante.

bal de cerca de 38.000 habitantes; é toda uma região onde há bastantes meios de riqueza a desenvolver e de que Silves é, natural e simplesmente, o centro geográfico.

Com as perspectivas que se abrem ao turismo e ao comércio geral desta zona algarvia, cujo fulcro está na aplicação imediata do Plano de Fomento, a representação que a Comissão de Silves fez ao sr. Ministro da Educação Nacional e que consiste na inclusão, no plano de estudos da sua Escola Industrial e Comercial, do Curso Geral de Comércio, de maneira a poder funcionar já no próximo ano lectivo, reveste-se dum tal interesse, duma tal acuidade, que não atendê-la seria não ter em conta o bem colectivo, esta aspiração que anda, afinal, na alma de todos nós.

Bem andou a Camara Municipal de Silves — e por tal merece louvores — em deliberar unanimemente, na sua sessão de 28 de Outubro de 1952, a inscrição anual da verba de vinte e cinco mil escudos, com vista a participar nos encargos resultantes do deferimento de tão justa pretensão. Fazemos votos por que esse acto se torne em semente produtiva.

RUI DE CROEJE

Este número do «Notícias do Algarve» tem 8 páginas e foi visado pela Comissão de Censura.

INVERNO

TARDE fria de Dezembro. Tristeza, nostalgia, chuva... sempre chuva... lágrimas; lágrimas geladas caídas do Céu, como que a lembrar aos homens, e às coisas, e aos animais, e à própria Natureza, os sofrimentos do Salvador, as mágoas... mágoas das ingratidões para com ELE cometidas todos os dias! Tristeza! Tarde triste, na verdade! Pobres que passam, descalços, tiritando de frio, o corpo encharcado, enroscados no sofrimento! Crianças que vagueiam, inocentemente, as pernitadas vergando ao peso da dor! — vítimas eternas do pecado do homem!

Indigentes recolhidos nos portais, estendendo a mão à caridade, exibindo lamuriosamente todas as suas chagas — chagas da verdade, chagas, até, do vício congénito! Folhas que se desprendem das árvores, batidas pelo vento.

Imagens de dor a cada passo! Um automóvel de luxo que pára; um vulto que se apeia, alheio a tanto sofrimento. Uma porta que se abre...

... lá dentro, música, risos cristalinos de alegria, de mistura com outros tantos maquinalmente estudados, numa confusão de bem-estar, de luxúria, encobrendo outras tantas misérias, outras tantas dores, outros tantos vícios de que a Humanidade se não apercebe, na ânsia de viver... mulheres embriagadas no prazer dos termos amorosos; moços incautos caídos nas malhas da hipocrisia de barregãs lascivas, gastando o que é seu, e, tantas vezes, o que lhes foi confiado! Champanhe, danças, atitudes sem o mínimo respeito pelo decoro; fumo... massa informe de fumo — imagem perfeita do que é a vida. Miseráveis modeladamente vestidos, lustrosamente penteados, extorquindo dinheiro a outras tantas infelizes caídas no ínfimo da condição humana — vítimas do luxo, vítimas hereditárias da educação paterna, criadas ao sabor das ondas encapeladas da desgraça!

A uma mesa, solitário e triste, um jovem fuma, sófregamente, cigarros sobre cigarros; bebe consecutivamente. Um sorriso de escárnio, anormal, estampado no rosto amarelecido e cavado na magressa, sobressai-lhe. Repele rudemente uma triste que pretende confessá-lo. Enerva-se. Bruscaamente chama o criado, paga; levanta-se e encaminha-se para a saída, meio embriago pelo álcool, pelo fumo, e pelo ambiente ensurdecido, trazendo nos ouvidos o ego estridente de gargalhadas alvares e nos olhos imagens duma libertinagem repugnante. Leva as mãos à cabeça, num gesto de quem vai perder a razão.

Faz novo esforço apoiando-se nas costas duma cadeira, e consegue alcançar a rua. Uma lufada de ar frio, de um frio cortante, em contraste com o ambiente de que acabara de sair, chama-o à realidade, reanima-o. Levanta a gola do casaco, à maneira de quem procura defender o corpo com tão magro pano, e inicia a caminhada, avenida a baixo, alheio à chuva que cai. Sente os pés esfriarem; observa o fundo dos sapatos e encontra justificação daquele arrepio em duas largas bocas que se riem, sarcásticamente. Encolhe os ombros, como que aplaudindo a recompensa da vida que buscou por suas próprias mãos... dir-se-ia enleado num conformismo a que não pode reagir. Leva a mão ao cabelo ensoado, e sacode a água que lhe vai

lavando o rosto, de mistura com as lágrimas que os olhos não contêm; e sente, nos lábios escaldantes, uma secura imensa. Respira fundo o cheiro da terra molhada — cheiro confortante, e forte, e salutar. Mas sente-se doente! Aquela dor... aquela dor atrás e pertinaz, qual punhal estacelando a carne e mortificando a alma, acompanha-o a cada passo.

Entra num café e reanima-se com uma «bica» bem quente. Tira da algibeira o porta-moedas e com toda a sua fortuna: trinta e seis escudos! De novo uma onda de fumo o envolve. Novo am-

lamber-lhe mansamente as mãos, num cumprimento humilde, sincero, desinteressado — gesto sublime, em contraste flagrante com o egoísmo do homem!

Ele, o descrente, sente-se finalmente dominado pela humildade. Entra na Igreja, àquela hora deserta, ajoelha, e chora, e reza, e conta a Deus as suas misérias...

— Meu Deus! Meu divino Deus! Eu me confesso pecador... pecador arrependido! E venho à Tua Casa a falar ComTigo a sós, sincera, humildemente, pedir-Te perdão. Lembro as Tuas dores, os Teus sofrimentos na Cruz, e por isso eu verifico agora que tenho sofrido com resignação as dores dos espinhos que me ensanguentam a alma. Venho aqui, meu Deus, para Te pedir que me Dês forças para reagir. A Tua

UM CONTO

de MÁRIO GENTIL-HOMEM

biente pesado o rodeia, como que a acentuar-lhe, a cada instante, que a vida para ele é apenas *aquilo* — inverno, chuva, tristeza, frio... Descre de Deus e dos homens.

Pela sua mente passam, então, imagens da meninice; dos carinhos de uma mãe bondosa que perdera, deixando-o só no Mundo — imagens do tempo de bem estar. Vê-se vestido no seu smoking, irrepreensível, dançando no Casino, jogando na roleta. Corpos que se dobram num cumprimento a que a Sociedade obriga — cumprimento ao vestuário, que não ao homem. Amigos; amigos que o rodeiam com hipócritas elogios à sua sorte; mulheres adulando-o a cada gesto que faz com a carteira; os seus artigos publicados na imprensa; depois... a solidão, a solidão imensa, o inverso da roda da fortuna em declínio até à miséria... tudo, tudo passa pela sua mente como fumo que se esvai. Não tem amigos; as mulheres evitam-no... já não sabe escrever. Apenas aquela dor, aquela dor mortificante que o vai consumindo...

Repentinamente levanta-se, no gesto de quem vai tomar uma atitude decidida. Conta de novo a sua fortuna: — trinta e cinco escudos! Deixa cair os braços, abandonadamente, como o condenado a caminho do cadafalso. Uma lágrima traiçoeira e quente, suavemente quente, à semelhança do beijo maternal, desce-lhe pelo rosto até bater nos lábios. Cambaleando, alcança a rua. Vagueia, sem rumo, sentindo dó da sua própria imagem reflectida nas montanhas. A porta duma Igreja detem-se. Um pobre cão vadio, de pelo eriçado pela chuva, vem

divina Mãe sofreu, como nenhuma mãe no Mundo teve a Graça de sofrer até hoje... e a minha mãe, a minha querida e bondosa mãe, que por certo Hás-de ter acolhido no Teu Paraíso como uma das mais belas flores do Teu Jardim, sofre também, neste momento, as dores do filho que deixou na Terra. Dá-me forças, meu Deus; forças para reagir ao pecado, forças para a vida...

De olhos fitos na imagem de Cristo crucificado, Luís João levanta-se, lentamente, respeitosamente; e pela primeira vez nos seus trinta e dois anos de existência, sente o conforto duma confissão espontânea que fizera.

Encaminha-se para o Rossio. Olha em sua volta; por fim decide-se e sobe, com uma dificuldade doentia bem visível, as escadas dum prédio próximo. Consulta na tabuleta os médicos de serviço na Policlínica; verifica que o diheiro lhe chega ainda...

— Senhor Doutor...
— Luís João! Pois tu, nesse estado?! Mas...
— ...aqui... destelado... uma dor...

.....
Numa cama dum quarto particular dum Hospital de religiosas, uma massa humana jazia, inerte, mais à semelhança de cadáver do que de corpo com vida. Tinha sido operado. Um médico tomava-lhe o pulso, e ajudado por uma Irmã introduzia-lhe soro, injectava-o, procurava, enfim, por todos os meios ao alcance da ciência, chamar à vida aquele rosto de cera, de pálpebras ferreamente cerradas, fundas olheiras cavadas.

E Luís João, apesar de todos os esforços dispendidos pelo médico,

UMA AVENTURA MUSICAL

(Conclusão do número anterior)

Dois outros filhos de Melusina imitaram os seus irmãos mais velhos, tendo-os ela animado com discursos e conselhos idênticos.

Mas a felicidade de Melusina vai findar, instigado por seu irmão que perfidamente insinuara a Raimundino que aos sábados Melusina lhe seria infiel, este espiou-a um sábado e viu-a transformada em serpente, da cintura para baixo, no banho.

Melusina apercebera-se disso, mas evitou qualquer alusão ao perjúrio; ainda ouviram a missa juntos, e tudo continuara como antes... Porém, um dia, depois de Godefredo o Horrível, outro filho do casal, desvaído, ter pegado fogo ao mosteiro onde seu pai se abrigara, Raimundino, recordando-se do que presenciara antes, e enfurecendo-se contra o filho, envolve Melusina na sua cólera, chamando-lhe: «Serpente falsíssima!». Ao ouvir isto, Melusina desmaia... Quando voltou a si, apenas exclamou: «Ah! meu amigo, se não tivesses falseado o juramento que me fizeras, eu ficaria isenta de pena e de tormento, e teria vivido todo o decurso natural da minha vida como mulher natural, e teria morrido naturalmente, e teria tido todos os meus sacramentos, e o meu corpo teria sido enterrado na igreja de Nossa Senhora de Lusignan e teria feito o meu aniversário bem e docemente. Agora porém, por tua causa, fui de novo empurrada para a penitência obscura onde muito tempo estivera por minha má fortuna; e assim terei que ficar e sofrer até ao dia do juízo final, por causa da tua falsidade. Peço a Deus que te queira perdoar». Raimundino, então, louco de dor, ajoelha-se diante dela implorando o seu perdão. Ela põe-se a chorar e chama-lhe *meu doce amigo*, prometendo-lhe o seu perdão, de todo o coração... Mas forçoso é que ela o deixe; e ele nunca mais a tornará a ver neste mundo, sob a sua forma feminina. Se ele tivesse sabido calar-se, o mal teria sido poupa-

não dava outro sinal de si que não fosse uma respiração débil, à semelhança da alma a querer desprender-se do corpo. Quarenta e oito horas lutou com a morte; e quando já todas as esperanças do Doutor Lima começavam a admitir como infalível o desaparecimento daquele infeliz ex-discípulo do Liceu, Luís João, num grito estridente de dor, dá sinal de vida. Delira!

— Mãe! minha mãe! Os teus conselhos... perdi-os... os amigos... os amigos... a sorte... sempre aquela roda... perdoo... minha mãe...

Nos olhos do Doutor Lima duas gotas de satisfação assomam. A Irmã, de joelhos, reza.

O médico senta-se no leito e segreda ao seu amigo:

— Luís João! Ouves-me? Não temas a vida! Ela é apenas aquilo que nós fizemos que seja: — triste se a quisermos triste; alegre se procurarmos dar-lhe alegria; ingrata se formos para com ela ingratos; sincera e compensadora se formos para com ela honestos. Depois, não estarás só a partir deste momento; serei o teu amigo, se quizeres, enquanto quizeres...

— O b r - i - g - a - d - o, articulou com esforço, sumidamente, Luís João. Por fim adormeceu, enquanto o médico ficaria a velar por ele, com a sua ciência, carinhosamente. E a Irmã rezava por aquele infeliz que nunca conhecera, até então.

pelo Dr. F. FERNANDES LOPES

do; mas a felicidade de ambos fôra a terra por uma palavra de cólera injusta e imprudente. Então, ambos desmaiam de dor e aflição: Raimundino em vão a proclamava «bela entre as belas, sábia entre as sábias, maravilhosa entre as maravilhosas». Ela retomou a sua forma de serpente alada e desapareceu por uma janela...

Grande foi a dor, grande foi o luto em todo o país que ela encheria de benefícios.

O seu senhor nunca mais a tornou a ver; mas várias outras pessoas a avistaram, entre essas a ama de seus filhos mais pequenos, junto dos quais ela voltava a vaguear à noite, tanto o seu pobre coração de fada, que o amor humano enganara e despedaçara, estava sempre a transbordar de amor materno...

No velho Larousse encontro, sobre o fim de Melusina, estoutro versão, haurida, ao que parece, do romance de Jean d'Arras.

«Melusina, traída, foge, do castelo de Merment onde então estavam, à vista de toda a gente, sob a forma de uma serpente; e durante muito tempo se viu ainda o vestígio do seu pé numa das janelas do castelo.» *E ouviam na (prossegue o próprio Jean d'Arras) até mais longe de uma légua, ir pelo ar, pois levava consigo uma tal dor e um tal terror que dava grande pena o vê-la. E toda a gente estava espantada, e quando ela chegava a Lusignan, deu por três vezes volta ao castelo e gritava lastimosamente e lamentava-se com voz serena, coisa de que os da fortaleza e da cidade estavam muito admirados e não sabiam que pensar, porque viam a figura duma serpente, mas ouviam a voz duma dama que saía de dentro dela. E depois de ter dado três voltas ao castelo, ela veio cair tão repentinamente e tão horrivelmente sobre a torre paterna, causando tal tempestade e tal terror que a todos que dentro estavam pareceu que toda a fortaleza ia para o abismo e que todas as pedras chocavam umas contra as outras.*

Na região do Poitou a lenda pretende ainda que Melusina, bela e triste, vestida de luto, canta com a sua voz melodiosa uma lamentação poética sobre as desgraças futuras da sua raça, e que, quando está para morrer alguém da sua linhagem, ela vem chorar à plataforma e às torres do castelo. A expressão de *gritos de Melusina* é mesmo uma expressão popular consagrada na região para marcar os gritos de dor desesperados.

No famoso *calendário das Três-ricas Heures* do célebre duque Jean de Berry, obra prima, como se sabe, da miniatura franco-flamenga do século XV, começada em 1409 por Pol de Limbourg e seus dois irmãos, e que, interrompida pelo falecimento do duque em 1416, só depois 1485 foi terminada por Jean de Colombe (que quase se limitou a

(CONTLUI NA 7.ª PÁGINA)

Rápido no Algarve

Pot louvável determinação da C. P. e a exemplo do que tem acontecido nos anos anteriores, passou a efectuar-se diariamente, de 31 do mês passado até o dia 6 de Outubro, a circulação de comboios rápidos entre Lisboa e Vila Real de Santo António, com ligação para Lagos.

IMPROVISATA

Estou só,
inteiramente só dentro de mim mesmo, no fim do mundo,
a meditar em mim
no fundo das coisas
que não têm fundo,
no princípio das coisas
que não têm fim!

Deixai-me assim;

deixai-me absorto
como morto
mesmo que o pensamento deitado à terra fria
desponte em palavras esguias
a acenar em melodias
coisas sem nexos...

Quero ficar mais só do que inteiramente só!
Que vos importa!?
Deixai-me como uma «Natureza Morta»
através dos tempos
a emergir do pó!

CARLOS SIMÃO JOSÉ

O PROBLEMA DA TRAVESSIA DE VEÍCULOS PESADOS PELO GUADIANA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

seria de grande urgência, não apenas para utilidade do turismo local mas para benefício do turismo nacional, que se resolvesse essa deficiência grave da travessia de veículos pesados para ou de Espanha. Todos nós sabemos que a nossa província constitui um atractivo turístico a que centenas de excursões que anualmente vão para Espanha ou de lá vêm, prefeririam passar pelo Algarve: não o podem fazer porém porque a linha de água do nosso rio constitui divisória infranqueável. São, por tal motivo, lesados o Algarve e uma parte da Andaluzia, nomeadamente Ayamonte, Isla Cristina e Huelva. Afectando a deficiência, como afecta, uma província e parte de outra, pode e deve a Comissão de Turismo requerer o apoio não só das autoridades e de todos os organismos turísticos do Algarve como também das localidades espanholas padecentes do mal comum. E' este um problema que a Comissão tem que enfrentar com atrevimento e desassombro pois sobre os seus ombros pesa, por fatalidade geográfica da nossa terra, a solução de uma dificuldade que interessa não apenas o lindo burgo pombalino mas todo o Algarve.

Então é lá admissível que os nossos comprovincianos para visitarem em excursão de camioneta Sevilha, Cadiz, Granada e outras terras do sul tenham que ir (como vão) dar uma volta por Beja, atravessando as ressequidas e monótonas paisagens que se estendem de Beja até quase Sevilha?

E' lá admissível uma coisa destas!

E porque não é admissível e porque milhares de pessoas são desfalcadas anualmente de gozarem a paisagem mimosa do nosso Algarve, na sua ida ou no seu regresso da Andaluzia, forçadas as infelizes a atravessarem terras sem mérito turístico, por isso lembramos à Comissão de Turismo a conveniência urgente de, em colaboração com todas as comissões de turismo do Algarve, dar remédio a tão grave mal.

Estão para aqui a apodrecer em Vila Franca de Xira, uns

UMA CONFERÊNCIA na Casa do Algarve

Subordinada ao tema «Alguns problemas económicos do Algarve», proferiu o nosso comprovinciano sr. Dr. António de Sousa Pontes, na Casa do Algarve, em Lisboa, uma brilhante conferência em que abordou diversos problemas de grande interesse para a província. Entre outros assuntos tratados, sugeriu a hipótese de se introduzirem no Algarve novas culturas, como a do algodão de fibra comprida e a da linhaça, e defendeu o aproveitamento da ostreicultura nas nossas rias e por cuja racional industrialização há muitos anos se bate.

A conferência foi presidida pelo sr. Dr. Quirino Mealha, que, no final, fez uma judiciosa apreciação do notável trabalho do conferente.

barcos que, julgamos, resolveriam o problema. Têm capacidade para a condução dos maiores veículos pesados e um deles, possivelmente, debelaria um mal que a todos prejudica. Creemos que a Comissão de Turismo tem poderes suficientes para arrumar este problema. Se depois do entendimento sugerido com todos os interessados, portugueses e espanhóis, alguma dificuldade fosse levantada pelos que fazem hoje as carreiras, restava à Comissão tomar a medida aconselhável a qual seria arrematar por uns tantos anos a concessão do exclusivo de transportes de veículos a quem se compromettesse a fazê-lo com segurança e eficiência. E é tudo. E esse tudo representa um serviço inestimável ao turismo dos dois países.

E por aqui nos ficamos hoje, consentindo-nos oportunamente outras lembranças de grande vantagem para o proveito e decoro do nosso turismo.

J. B.

Exposição de Pintura e Escultura

Patrocinada pelo respectivo Município da vizinha cidade de Ayamonte, Espanha, inaugura-se no próximo dia 7 do corrente, uma exposição de pintura e escultura, onde serão expostos um grande número de quadros de vários pintores daquela cidade.

Entre os expositores faz-se também representar o nosso assinante sr. D. Narciso Navarro Cruz, considerado como um grande pintor de arte.

Na exposição, que tem lugar nas salas do Município, figuram valiosas obras de arte, e prolongar-se-á durante o corrente mês, sendo o seu encerramento depois das festas em honra de Nossa Senhora das Angustias, que tradicionalmente se realizam naquela cidade de 7 a 10 de Setembro.

Maria José Valério

Esta simpática artista da Emissora Nacional tomará parte na festa que, no próximo sábado, dia 8, terá lugar no Parque de Instrução dos Bombeiros Voluntários desta Vila, juntamente com outras atracções.

A Melhor Leitura para SENHORAS E MENINAS

Obras de BERTHE BERNAGE

«Podem as mães entregar às suas filhas estas lindas páginas de formação feminina, pois são para todas as mãos.» — Revista BROTERIA.

«Poucos livros, de carácter romanesco, merecem melhor recomendação do que os volumes que constituem a série Brigitte.» — Revista LUMEN.

BRIGITTE. Volumes publicados:

- I — Brigitte Solteira, Brigitte Casada;
 - II — Brigitte Mamã;
 - III — Brigitte e a Felicidade Alheia;
 - IV — Brigitte e a Alegria do Lar;
 - V — Brigitte, Mulher Moderna;
 - VI — Brigitte no Campo;
 - VII — Brigitte na Tormenta;
 - VIII — Brigitte Naquê Tempo;
 - IX — Brigitte e o Coração dos Jovens;
 - X — Brigitte e os Novos Caminhos.
- Cada volume 18\$00
 Brigitte Solteira 10\$00
 Brigitte Casada 10\$00

O ROMANCE DE ISABEL. Publicados:

- I — O Amanhecer dum Lindo Dia;
 - II — A Idade das Asas;
 - III — Juventude;
 - IV — Ressurgir;
 - V — Liberdade Querida;
 - VI — Esperança.
- Cada volume 18\$00

O JARDIM NO TÊLHADO. 18\$00

ARTE DAS BOAS MANEIRAS — 1 vol., tiragem especial, encadernado, 50\$00; tiragem corrente, br. . . 25\$00

PORTUGÁLIA EDITORA
 Av. da Liberdade, 13-3.º - Lisboa

Campanha Nacional de Educação de Adultos

TEM sido verdadeiramente notável a forma como o Algarve correspondeu aos patrióticos propósitos que orientam o combate ao analfabetismo no nosso país. E prova irrefutável disso são os louvores atribuídos aos agentes de ensino na nossa província.

No número anterior demos à estampa a relação dos professores e regentes escolares dos concelhos de Vila Real de Santo António, Albufeira, Alcoutim, Aljezur, Castro Marim e Faro que, pela sua acção em prol da Campanha, foram distinguidos com louvores.

Temos o prazer de dar seguidamente nota dos professores e regentes louvados nos concelhos de Loulé e Olhão.

Concelho de Boulé — Professores: DD. Adelaide da Conceição Vargas, Maria Amélia Leonardo, Maria Adelina da Silva Simões, Domicília Celeste da Silva, Carlos Alberto de Oliveira Fagundes, DD. Maria Feliciano Grade, Maria Constança de Sousa Gonçalves, Maria Benta Martins, Maria Clotilde Passos Mota, Maria Viegas Pires, Benedita do Carmo Santos, Maria Gonçalves de Assis Gusmão, Maria José de Brito Cristóvão, Domitília Soares Barradas, Maria Eduarda Sancho Nobre Correia Faisca, Maria Farinho, Maria Luíza Guerra Roque e Maria Rosa, António Guerreiro Calço, DD. Maria Isabel da Quinta, Maria do Patrocínio Martins Gema, Maria dos Mártires Frade Cruz, Maria José de Brito Cavaco, Lisete Silvestre Viegas, Maria Odete Andrade Ferreira, Arménia Maria Viegas, Fernanda de Jesus Afonso e Maria do Carmo Figueiras Mascarenhas, Afonso Malaquias Domingues, DD. Maria de Lourdes Palma Madeira, Maria Elisabeth Sequeira da Silva, Maria Francisca Pontes Neves, Maria Solange de Azevedo Barracha e Vitória Correia Azevedo. Regentes: Maria Nunes Guerreiro, Rosa Viegas Pinto, Josefina de Sousa Belchior, Lucia Guerreiro dos Santos Velhinho, Leonilde Rosa Tavares, Valentinia Dias Rodrigues, Maria Teresa Duarte Martins, Dóres Vargas Rodrigues, Estefânia Sequeira Simões, Adalgisa Gonçalves Lemos, Maria dos Anjos Rocheta Nunes, Odete Conceição de Jesus, Maria da Silva Graça, Manuela de Sousa Luís, Maria do Céu Rosário da Silva, Rita Rocha Guerreiro, Lidia Maria Domingos, Dolores Silva Medeiros, Manuela Ledesma Macarro, Francelina Maria Pires, Irene Urbano Marum, Madalena Maria Anastácio, Maria Estefânia Machado, Ilda Nunes dos Santos, Maria Rita dos Santos Leitão, Maria José do Nascimento, Maria do Carmo de Jesus, Candida da Ponte Guerreiro, Dorila de Sousa Machado, Celina de Sousa Luís, Beatriz Martins Correia, Maria das Dóres Alves, Maria Guerreiro Baptista, Celeste Rodrigues Bernardo, Ilda da Conceição Veríssimo, Maria da Conceição Guerreiro, Julieta Vieira do Adro e Maria da Assunção Martins.

Conselho de Olhão — Professores: DD. Maria do Carmo Mendes Telo, Arminda da Paz dos Reis, Maria do Carmo de Sousa Luís e Maria Isabel Garcia de Faria, José Armando dos Reis, José Francisco Rações Malveiro, DD. Maria do Carmo Simplicio Lopes e Maria Paula Guerreiro, José Ramiro Correia Dourado e João Duarte Martins, DD. Maria Antónia da Quinta, Maria Apolinária Macias Marques, Maria Teresa Vieira Amado, Maria Manuela de Jesus Monteiro, Juliana da Conceição Passos e Luzia do Carmo Rocha Varela, Manuel Dias Pires, DD. Maria Ercília Botelho, Maria Luisa Reis Almodovar, Mariana de Lourdes Correia Fernandes Enxerto e Maria Benilde Viegas Nobre. Regentes: DD. Maria José Augusta, Palmira Nunes Borges, Luciana da Graça Mendes, Jesuína dos Martires Nunes Vicente, Maria da Conceição Santos, Maria Eufrazia Moraes e Maria José Prata.

CASA

VENDE-SE na Rua Jacinto José de Andrade, n.º 57.
 Trata Emilio Diogo Costa, nesta Vila.

O MUNDO MARAVILHOSO DO ATOMO - V GRANDEZAS ATÓMICAS

PELO
 Capitão António Gonçalves

AS ÓRBITAS dos electrões têm dimensões muito grandes em relação ao diâmetro total de um átomo anda à roda de 1.270×10^{-10} cms., o diâmetro nuclear tem valores à volta de 10^{-12} cms., isto é, o diâmetro do átomo é cerca de 127.000 vezes maior que o diâmetro do núcleo.

Para se fazer uma melhor ideia da pequenez destas grandezas microfísicas torna-se necessário estabelecer alguns exemplos comparativos dentro do mundo macroscópico em que estamos habituados a viver.

Assim, podemos dizer que:

— O diâmetro do átomo está para um centímetro assim como a grandeza de 1 cm. está, grosseiramente, para a distância de Lisboa a Santarém, por caminho de ferro.

— O diâmetro do núcleo está para o diâmetro do átomo assim como 1 cm. está, aproximadamente, para 1.270 metros. Isto é, se se ampliasse a grandeza do átomo, de modo ao núcleo ter as dimensões de 1 cm., os electrões externos gravitariam à volta dele a cerca de 635 m.

Estabelecendo o paralelo destas grandezas com o sistema solar, chegar-se-ia à conclusão que os electrões externos gravitariam a cerca de 11,6 vezes mais longe em relação ao sol que o mais afastado planeta do sistema solar — Plutão.

— Quanto à noção de grandeza do núcleo, torna-se ela difícil de traduzir pelas noções do nosso mundo macroscópico, porquanto a sua grandeza está para 1 cm. assim como 1 cm. está para 10.000.000 de quilómetros, aproximadamente 250 vezes o perímetro da terra.

E' esta a maravilha da matéria que nos cerca, que não é mais, na sua essência, que protões, neutrões e electrões, se bem que se apresente aos nossos sentidos sob as formas mais diversas, desde os tecidos cerebrais, nervosos ou musculares, às diferentes variedades de elementos e compostos observados na natureza.

E' esta maravilhosa matéria, este mundo infinitamente pequeno, complexo e misterioso, que foge aos nossos sentidos, que, apesar da sua grande descontinuidade, permite a construção de pontes e o fabrico de canhões, resistentes às mais elevadas pressões.

Mas há mais, para se ficar com uma noção mais perfeita do gigantesco do mundo atómico dentro da sua pequenez infinitesimal, torna-se necessário focar a grandiosidade do peso específico do núcleo. Para se ficar com uma noção, basta saber que «se fosse possível encher um cubo de 1 cm. de aresta com núcleos atómicos, sem deixar espaço algum vazio, esse centímetro cúbico pesaria nada menos que cento e dezasseis milhões de toneladas! O suficiente para carregar três comboios cujas locomotivas estivessem em Lisboa e que, estendendo-se em linha recta pela Europa e pela Asia, tivessem os vagões da cauda na região de Vladivostok.»

Nas estrelas designadas por «novae», devido à elevadíssima temperatura nelas existente, a matéria encontra-se num estado tal de concentração que a sua densidade chega a ser 2.000 vezes superior à da platina.

N. da R. — As gralhas poisaram atrevidamente no último artigo «A Estrutura do Atomo», provocando dislates que nos apressamos a corrigir. Assim, onde se lê: Símbolo ($p^{\frac{1}{2}}$), leia-se: Símbolo p^1 . Na parte de feixes planetários, onde se lê: podendo-se representar pelo símbolo ($n^{\frac{0}{2}}$), leia-se: podendo-se representar pelo símbolo (e^{-1}). Onde se lê: electricamente seco, leia-se electricamente neutro. Que nos desculpem o autor e os leitores:

CRUZEIRO À MADEIRA

A BORDO DO PAQUETE
IMPERIO
 (21 a 25 de Setembro)

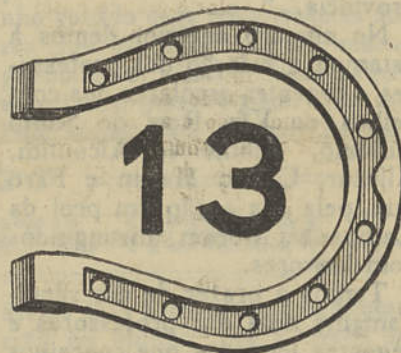
Atenção: Por cada grupo de 11 pessoas que se inscreva neste Cruzeiro oferecemos uma viagem!

**ORGANIZE O SEU GRUPO E VENHA CONNOSCO
 PEÇA PROGRAMA NESTE JORNAL
 INSCRIÇÕES PELO CORREIO**

Casa Atlântica de Viagens, Lda.
 Rua Capelo, 4-A - LISBOA - Telef. 32294-29471

VINHOS DO CARTAXO

MARCA DE VINHOS
de Consumo e Exportação
QUE MARCA



MARCA REGISTRADA

O Técnico e Pro-
vador desta casa
é o seu Proprietário

O maior «STOCK» de vinhos de mesa, licorosos
extremadura, aguardente vinica e bagaceira da região,
aguardente de ginja, e mel centrifugado

**Preços em concorrência
para todos os mercados**

Vinhos licorosos extremadura
engarrafados das marcas:

«TREZE», «PORTUGAL», «RAQUELITA»
«MINHA ULTIMA MARCA»
e «AGUARDENTE VELHA RIBATEJO»

Produtos vinicos 100 por cento

Execução rápida de todas as encomendas

Vendas com garantia de baixa

Compras a dinheiro, vendas a prazo

AGENTES EM:

AFRICA e BRAZIL

Aceito Agentes onde ainda os não tenha

Armazéns de retém:

N.^{os} 1 a 9, no Cartaxo em propriedades próprias

BANQUEIROS:

Banco de Portugal

Credit Franco-Portugais

London & South America Limited

Borges & Irmão

Nacional Ultramarino

Angola

Espirito Santo e Comercial de Lisboa

Banco Português do Atlântico

Caixa Geral de Depósitos

ANTÓNIO NUNES CUNHA

REGISTO COMERCIAL 65 - B

CASA FUNDADA EM 1913

CARTAXO-Portugal

Telegramas: «TREZE»

Telefones { 13 - Cartaxo
27 - Ericeira
821 - Santarém

Sócio Gerente da Sociedade Mineira do Vale da Serra, L.^{da} - S. Mamede Riba Tua

Hos nossos assinantes

Conforme oportunamente informamos os nossos estimados assinantes, estão em cobrança os recibos referentes ao primeiro período de assinatura, dos números 1 a 10 inclusivé, no importe de Esc. 9\$90.

Sendo a cobrança feita pelo correio, a todos solicitamos o favor de não deixarem devolver os referidos recibos.

As assinaturas das Colónias Portuguesas, e bem assim do Estrangeiro, agradecemos a sua remessa pela via mais rápida e económica.

Grupo Columbófilo Guadiana

Vila Real de Santo António

Teve lugar no passado domingo, dia 26 de Julho, o Concurso de Braga, no percurso de 490 kms, com a média de 667 m. p. m., tendo a classificação sido a seguinte:

- 1.º Dr. Manuel Vargas
- 2.º António Vicente
- 3.º Gervásio Martins Estêvão
- 4.º Jaime Martins e Martins

Com este concurso fechou a campanha desportiva do corrente ano.

E' hoje efectuado o primeiro treino de borrachos.



a única lâmina que barbeia toda a gente!

AGENTES EM PORTUGAL:

Soc. de Rep. Cupertino de Miranda & C.ª L.ª

R. S. Francisco, 41-Apartado 205-Porto

VENDE-SE

Uma morada de casas de esquiua, com 7 divisões, sita na rua Infante D. Henrique n.º 19, com porta de quintal, para a rua Vasco da Gama n.º 23.

Quem pretender, dirija-se a Eugénio Mendes — Vila Real de Santo António.

Prédio na Praia de Monte Gordo

VENDE-SE

Frontes para: Rua Gonçalo Zarco, 19 Largo da Igreja, 24 e uma Travessa.

FACILITA-SE PAGAMENTO

Padir chave a sr.ª SULPICIA, Rua António Nola, 31—Monte Gordo.

Dirigir a Evaristo Melo Vasconcelos Rua Fernandes da Fonseca, 12-2.º Telefone 28034 — LISBOA



TINTAS DYRUP

Fábrica de Tintas de Sacavém-S. A. R. L.

Agentes Distribuidores no Algarve:

FIAL-Fomento Industrial e Agrícola, Lda.

Largo S. Luiz FARO

VENDE-SE

Quinta denominada «Brejo», no sítio de Brancanes — Olhão. Uma das maiores do concelho. Grande rendimento. Aceita propostas, em carta fechada, Jorge de Figueiredo, Alcaide de Cima n.º 1 — ÉVORA.

UMA AVENTURA MUSICAL

(CONCLUSÃO DA 4.ª PAGINA)

completar o que faltava nos meses de Setembro e Novembro) e hoje se guarda felizmente no Museu Condé em Chantilly; nesse famoso calendário, cujas 12 folhas, (correspondentes ao meses do ano e, cada uma, tendo por fundo quase sempre um castelo do Duque), a benemerita revista americana *Life*, no seu numero de 19 de Janeiro de 1948, reproduziu para o grande publico internacional, com uma riqueza de colorido notabilissimo pela fidelidade, lá se vê, na folha do mês de Março, o castelo de Lusignan, que era uma das residencias favoritas do duque, e por sobre uma das suas torres uma figura de serpente ou dragão alado. A legenda explicativa da *Life* recorda que o castelo de Lusignan «é famoso como sede dum deleitoso conto de fadas francês acerca duma nobre dama dolorosamente encantada, chamada Melusina, que todos os sábados se tornava serpente da cintura para baixo. Quando o seu marido Raimundino, conde de Lusignan descobriu esta condição, ela foi mudada num dragão e forçada a levar o resto dos seus dias rondando pelas torres do castelo.» Por seu lado o conservador do museu Condé, Henri Malo, na magnifica edição da revista *Verve*, não se esquivava a apôr à mesma miniatura estouta legenda: «no alto da torre poitevine, um dragão alado: a fada Melusina que vem, através dos ares, ter com o seu marido Raimundino».

(Vá lá a gente entender-se no meio das lendas...)

O castelo de Lusignan já hoje não existe, demolido que foi no reinado de Luis XIII, (começos no sec. XVII). A lenda dava-o como fundado por Melusina precisamente; mas a história indica-o como construído no sec. X, por outrem.

Em todo o caso, o nome de Melusina não deixa de lhe estar ligado, tendo sido, de origem: *Mère des Lusignans* (que nela iriam entroncar a sua ascendencia fabulosa, segundo a moda medieval...) depois *Mère Lusigne*, em seguida *Merlusine* e por fim *Melusine*.

Julgo bem que em tudo isto haja porventura mais do que o suficiente já, para pôr em jogo, propiciamente, a fantasia dos enamorados das Musas...

Atrevo-me a ficar esperando de qualquer poeta, algarvio, amigo

O Jardim Zoológico de LISBOA

LUGAR DE MARAVILHA

A PROXIMA-SE a época das idas em massa a Lisboa. O Jardim Zoológico oferece este ano aos forasteiros renovados encantos. Só da Guiné vieram perto de 200 animais, entre eles o já famoso hipópótamo-bébé, com um ano de idade, chimpanzés, macacaria, antílopes, grous, águias—o carregamento lembra a Arca de Noé. Do Brazil também veio uma esplendorosa colecção de araras, tocanos e papagaios.

E' conhecido, de resto, o rol das trinta maravilhas do Jardim Zoológico de Lisboa. Trinta maravilhas que aliás já são mais... Entre elas o grande Roseiral, o Jardim dos Pequenininos, o Palácio das Feras, o Jardim de Farrebo, a Aldeia e o Ginásio dos Macacos, a Tenda do Faustino, a Grande Escadaria das Corças, o Grande lago e as suas diversões, os Aviários, a Patinagem, o Cemitério dos Cães, a Casa do Hipópótamo, o Hotel dos Cães, o Clube dos Gatos, o Cerrado dos Elefantes, a Ilha dos Ursos, o Solar dos Leões e quantos outros prodígios ainda.

Progridem para mais as obras novas. Estão à vista o novo aviário, a nova Casa das Araras, as novas instalações de ursos, águias, hipópótamos e rinocerontes num conjunto surpreendente.

O restaurante do Lago e ao domingo o restaurante popular da Mata servem com esmero o público que af busca um justificado repouso depois de ver tanta maravilha.

Em resumo. Quem fór a Lisboa — não deixe de ir ao Jardim Zoológico.

COMPRE

«Esta riqueza que o Senhor me deu»

poemas de João Braz

PENSÃO FELIX

Sobejamente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferéncia.

Praça Marquez de Pombal, 22 Vila Real de Santo António

ou ignorado, o libreto poético desejado.

Esperarei em vão? Cá fico esperando, em todo o caso:—como ultima peripécia desta aventura...

Olhão, 15-7-53.

Francisco Fernandes Lopes



O mais completo sortido de CALÇADO PARA CRIANÇAS

Exclusivo da firma:

Viúva de Manuel Francisco

Rua Teófilo Braga Vila Real de Santo António

Holland-America Line

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZA COALCOS, TAMPICO, MOBILE, Ala., NEW ORLEANS, HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

«ALMDYK»

carrega em LISBOA em 28 de AGOSTO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DALERDYK» — 6 de Agosto

«LOCH AVON» — 22 de Agosto

«DUIVENDYK» — 5 de Setembro

AGENTES GERAIS

CARLOS GOMES & C.ª L.ª DA

15 — Rua dos Fanqueiros — LISBOA

TELEFONES 21143 — 21789

UM SEGURO NÃO É UM LUXO.

UM SEGURO É UMA NECESSIDADE!

Um bom seguro satisfará essa necessidade.

Escolha um competente Agente de Seguros, e prefira

ANTONIO SOARES

AGENTE DE SEGUROS

REPRESENTAÇÕES — COMISSÕES — CONTA PRÓPRIA

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

OBJECTOS PERDIDOS

Encontram-se depositados no Posto local da Polícia de Segurança Publica os seguintes objectos, que serão entregues a quem provar pertencer-lhes:

Dois porta-moedas, com dinheiro, dois pares de óculos graduados, um par de óculos para sol, uma caneta de tinta permanente e uma boquiha, com capa de cabedal.

Manuel Fernandes Serra

ARMAZÉM DE MERCERIAS POR ATACADO

Sêmoas, Cereais, Tabacos, Legumes e Frutos Secos do Algarve

Fábrica de Rebuçados Marca IZILDA

MOAGEM DE CAFÉS

Correspondente do BANCO BURNAY

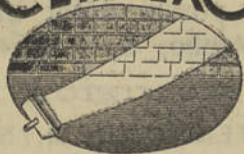
Tele { gramas: SERRAS / tone N.º 32

APARTADO 7

Rua Miguel Bombarda, 2 a 12 Rua de Portugal, 1

LOULÉ

CEMPEXO



Uma grande marca Dinamarquesa

Recomendada para pintura de interiores e exteriores paredes muros

frontarias de casas ou edificios outras superfícies

NOVAS POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO CIVIL!

Depois de cuidadosos ensaios laboratoriais e práticos, apresentamos agora em Portugal tintas petrificantes especiais e hidrófugas que

RESISTEM A TUDO, SENDO LAVÁVEIS E DE FÁCIL EMPREGO

Pô que se mistura com água em 9 cores

PEDIR INFORMAÇÕES NOS DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL:

CEMPEXO

DE COR FIXA DURA MAIS RENDE MUITO

HENRIQUES & CASTRO, Lda.

TELEF. 75057 — AV. CONDÉ DE VALBOM, 96 — LISBOA

AGENTES { em Vila Real de Santo António — AGENCIA COMERCIAL E MARITIMA DO SUL / em Tavira — MARCELINO AUGUSTO GALHARDO / em Olhão — JOSÉ DE ARAGÃO BARROS

AS CERIMÓNIAS DA INAGURAÇÃO OFICIAL de Vila Real de Santo António

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

da rua Benedictina, farão quarto à Direita, e marcharão por elle até dezembocar na rua da Raynha, aonde no terreno destinado se meterá tudo em Batalha, ficando as Peças com bocas para o Rio, esperando assim a ocasião das Salvas.

As duas Companhias de Cavallaria, postadas nos lados da Infantaria, também se meterão em columna, cada huma sobre sy, e seguirão com a competente distancia as Duas Companhias de Artilharia pelas mesmas duas ruas do Príncipe e do Infante, até que desembocando na Praça ambas se metão em Batalha nos dous lados do Corpo da guarda, fazendo frente para a Praça.

Os dous Regimentos de Infantaria, metendo-se também em Columna, cada hum sobre sy, seguirão com proporcionada distancia as duas Companhias de Cavallaria. O Regimento da direita pela rua do Príncipe e o da esquerda em columna reversa pela do Infante, levando comtudo na testa della a Companhia de Granadeiros. Assim marcharão as duas columnas pelas referidas ruas, e depois que entrarem na Praça, continuarão rectamente a mesma marcha pelos lados della. As duas Companhias de Granadeiros que vão nas testas das duas Columnas, chegando defronte da rua Benedictina, farão quartos para se meterem em Batalha nos dous lados da Igreja, fazendo frente para a Praça.

Quando o Regimento da Direita tiver chegado quasi ao angulo das Cazas da Camara e o da Esquerda quasi ao angulo das do Dezembargador João Leal da Gama, ambos os referidos Regimentos se meterão em Batalha com a frente para a Praça, deixando livres as duas entradas da rua Benedictina para a dita Praça, e depois abrirão fileiras, appresentarão as Armas, e descansarão sobre ellas; e o mesmo farão as duas Companhias de Granadeiros, cada huma á Voz do seu Coronel, e seguindo os movimentos e os tempos dos próprios Regimentos.

O Regimento de Faro, que hade estar postado com a retaguarda para as Cazas da Camara, deihará livre, e desembaraçado da Tropa hum intervalo fronteiro da porta da Capela, em que ao presente se acha a Parrochia da Villa, a quanto for bastante para a sahida da Procissão, e passagem da gente para a mesma Capela.

A transferência do Santissimo Sacramento da Capela para a nova Igreja

Quando sahir a Procissão da referida Capela com o Santissimo Sacramento, se farão as continencias sabidas, as quaes se repetirão quando a mencionada Procissão, depois de fazer o seu giro, tornar á Praça para se recolher ao novo Templo nella edificado. As duas Companhias de Granadeiros postadas nos lados da Igreja, logo que a Procissão entrar na rua Benedictina, unirão fileiras á voz dos seus Capitães, e se meterão em Columna; e fazendo quartos, seguirão á Procissão; e tanto que ella se recolher, tornarão a formar-se, como dantes, nos seus competentes terrenos á voz dos mesmos Capitães.

Apenas tiver passado a Procissão pelas duas Companhias d'Artilharia, salvará esta, depois de fazer a continencia devida ao Sacramento, com vinte e hum tiros de Peças.

Recolhida a Procissão, os dous Regimentos, inclusive as duas Companhias de Granadeiros, darão tres geraes, e successivas descargas á voz do Sr. Coronel mais antigo, o qual se porá no Terreno idoneo para ser ouvido de toda a Infantaria.

Terminadas as Descargas, a Infantaria tornará a abrir fileiras, e descansará sobre as Armas; e assim permanecerá até o fim da Festa.

Tanto que ella se acabar, a Tropa poem as Armas ao ombro, apresenta-as, torna a polas ao ombro, e depois une fileiras. O Regimento de Faro se mete em columna por pelotoens com quarto á Direita, e o Regimento de Lagos se meterá também em columna por pelotoens com quartos á Esquerda; e unindo-se a hum, e outro Regimento as duas respectivas Companhias de Granadeiros, metidas também em columna no mesmo tempo que os seus Regimentos marcharão, servindo-lhes de testas de columnas; o Regimento de Faro pela parte da rua Benedictina, que dezemboca ao Rio; e o Regimento de Lagos pela outra parte da mesma rua, que vey sahir ao Campo. Assim continuarão a marcha, hum para os seus Quartéis, ao outro para o seo acampamento, onde destroçarão.

Logo que os Regimentos de Infantaria tiverem marchado em Columna hum espaço proporcionado, também as duas Companhias de Cavallaria se meterão em columna, fazendo quartos; e cada

huma se retirará pelas mesmas ruas por onde entrarão na Praça; e quando chegarem ao Campo, se unirão ambas, e continuarão a sua marcha para os seus Quartéis.

As duas Companhias de Artilharia metidas em Columna com duas Peças na frente de cada huma, marcharão para o seo acampamento.

No mesmo dia pelas quatro horas da tarde se achará o Regimento de Faro formado, e postado na rua da Raynha com a frente para a Villa, ficando o primeiro pelotão de Granadeiros, que depois ha-de servir de testa de columna, defronte da rua Mariana.

O Regimento de Lagos se formará, e postará ás mesmas horas no Campo, que jaz na Retaguarda da Villa, com a frente para ella, ficando o primeiro pelotão do Regimento defronte da rua Benedictina, e tendo a Companhia de Granadeiros formada no lado esquerdo do mesmo Regimento.

As duas Companhias de Cavallaria estarão postas á mesma hora no Terreno entre os Medos altos e o lado da Villa, com a maior proximidade, que for possível, della; e para onde terão a sua frente: e tanto que ouvirem hum signal, que será o de hum tiro de Peça, se meterão em columna, cada huma de per si; e marchando para a Praça, como fizerão de manhã, se hirão postar nos dous lados do Corpo da Guarda, pouco tempo antes, que os Regimentos principiem a entrar na mesma Praça.

A inauguração do obelisco da Praça Marquês de Pombal foi saudada com 21 tiros de peça

As mesmas referidas quatro horas se acharão postadas as duas Companhias d'Artilharia com as quatro Peças, e com frente para o Rio, no mesmo sitio em que estiverão de manhã; e salvarão com vinte hum tiros logo que se descobrir o Obelisco.

Os dous mencionados Regimentos ao referido signal de hum tiro de Peça, se meterão em columna; e marchando pelas respectivas ruas Mariana e Benedictina fronteiras ás suas testas de columnas, entrarão na Praça: o Regimento de Faro fazendo quartos á direita para se hirmeter em Batalha, como fez de manhã, debaixo das Cazas das Camara; o Regimento de Lagos também fazendo quartos á direita em meter-se em Batalha no mesmo Terreno que naquella manhã tinha occupado.

As duas Companhias de Granadeiros, q. entrarão na Praça, huma na testa de Columna do Regimento de Faro; e outra na Retaguarda de Columna do Regimento de Lagos, se meterão em Batalha nos mesmos terrenos collateraes á Igreja, em que de manhã estiverão postados.

Depois de toda a Infantaria estar metida em Batalha nos seus respectivos terrenos, abrirá fileiras, appresentará as Armas, e descansará sobre ellas, e assim permanecerá até ter ordem para as pôr ao ombro.

Tanto que se descobrir o Obelisco, e a Coroa Real, que está collocada no remate delle, toda a Infantaria appresentará as Armas, e os Officiaes da Cavallaria as Espadas, a toque de Caxas, Trombetas e Timbales: abater-se-hão as Bandeiras e Estandartes; e passado hum proporcionado espaço de tempo, porão as Armas ao ombro, e se levantarão as Bandeiras e Estandartes.

Quando os Regimentos receberem ordem, unirão fileiras e darão tres descargas, como de manhã á mesma voz do Sr. Coronel mais antigo.

Concluidas as descargas, e abertas depois as fileiras, appresentadas as Armas, postas ao ombro, tornando-se a unir as mesmas fileiras, toda a Tropa fará quartos á direita por pelotoens; e a testa de columna, que será o primeiro pelotão da Companhia de Granadeiros do Regimento de Faro, marchará em direitura para a rua Benedictina, o que fará toda a columna, passando assim toda ella pela frente do Obelisco, fazendo-se á Coroa Regia as Continencias de Espada, Bandeiras e Estandartes. Proseguindo toda a columna a sua marcha pela referida rua Benedictina, sahirá por ella ao campo, que jaz na retaguarda da Villa; e os diferentes Corpos, de que se compoem a mesma Columna, marcharão dally para os seus Quartéis e a Campamentos, por donde lhe for mais comodo. As duas Companhias de Artilharia metidas em columnas com duas Peças na frente de cada huma, marcharão para o seo acampamento.

He escuzado advertir a tão intelligentes e benemeritos chefes dos diferentes Corpos Militares a igualdade de correspondencia, e symetria, com que quanto couber no possível, estes devem entrar na Praça, marchar, meter em Batalha fazer as continencias, e mais movimentos susceptiveis desta correspondencia e uniformidade, e seguindo também nas

Crónica de Lisboa

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Abilio Barros conseguiu vencer o seu mais experimentado competidor Corte Real Pereira. Este jovem é uma promessa do automobilismo portuguez.

A última corrida que era ansiosamente esperada por todo o público, não foi talvez tão emocionante, visto Bonetto o vencedor do «Prémio Jubileu» não ter tido praticamente competidores.

Fez falta, o grande Gonçalez que o accidente de Sabado impediu de correr.

Foi também de admirar, o desportivismo de Casimiro de Oliveira que continuou a corrida, apesar de ter o tirante do acelerador partido.

Não posso deixar ainda de me referir, à maneira como a Emissora Nacional fez de uma transmissão que se poderia julgar sem interesse, um dos melhores relatos que se têm ouvido, com locutores incansaveis, dispostos ao longo de todo o percurso, e pondo os ouvintes a par dos mais pequenos pormenores da corrida.

A organização foi a melhor possível, superando todas as expectativas.

O Circuito de Monsanto foi na realidade emocionante e resta-nos apenas desejar que elle se repita, e que como disse João Ortigão Ramos, director da prova, apesar de todas as difficuldades, o Grande Prémio figure para o ano no calendário desportivo internacional.

Lisboa tem direito a uma grande prova automobilistica.

Mantenha-se pois, o Circuito de Monsanto. Vera Ponce de Léon

occasioens de continencias a Cavallaria á Infantaria.»

Os documentos respeitantes á cerimonia e os primeiros moradores de Vila Real de Santo António

Depois das festividades inaugurais da nossa terra o Armador-Mór expediu para o Marquês de Pombal as Ordens e as plantas das operações, juntando-lhe igualmente a planta e relação de «todas as pessoas de distincção que deste Reino e de Castella se hospedarão na sobredita Villa e assistirão ás mencionadas Festividades».

Na nossa Câmara Municipal encontram-se essas plantas e relação, que cremos serem os originaes e portanto documentos unicos, de grande valor para a história da nossa terra e da época, oferecidos naturalmente por Pombal á sua querida Vila para memória perpetua do que nela se passou no alvorecer da sua história. Esses documentos, em que figuram os nomes dos primeiros moradores da Vila Pombalina e os hóspedes illustres que se aboletaram em suas casas, não estão devidamente acautelados. Não nos esqueçamos que já uma vez os nossos Paços do Concelho foram destruidos por um incêndio! Portanto e enquanto não houver o desembaraço suficiente para se construir instalação, com a devida segurança, para arquivo e biblioteca municipais, achamos que se devam acautelar de possível destruição os valiosos documentos que constituem, a bem dizer, a primeira página da história do burgo pombalino. Ao cuidado do sr. Presidente da Câmara endereçamos esta responsabilidade, certos de que, como bom filho da nossa terra, tomará as providencias que em seu critério forem convenientes.

Começaram os SALDOS na

Casa DYNIA

e não é preciso dizer mais nada

Parabéns ás Senhoras boas donas de casa e aos bons chefes de familia.

DA UTILIDADE E INUTILIDADE DAS LEITURAS

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

única obra de um escritor para avaliar do seu valor, do seu estilo, dos seus processos literários. Isto que parece anedota, define bem a mentalidade do nosso tempo. E que, para muita gente qualquer romance, seja de Tolstoi ou dum Oahet é sempre uma historieta. E até já de pessoas pseudo-cultas ouvimos identicas opiniões acerca do romance. Ora romances, simples historietas, dizem pejorativamente, todos os senhores orgulhosos do seu vasto saber, alcandorados no seu alto prestigio de pessoas que não perdem o seu tempo com bagatelas. Se alguém lhes dissesse que já hoje investigadores da historiografia e de renome universal, se servem da herança literária como fonte segura de informações, analisando nessas fontes os costumes, as relações humanas as bases sociais económicas que estruturavam as sociedades passadas, êses senhores, certamente, achariam isto tremendo disparate. Olham para o romance como uma simples lèria e não veem mais do que cerebralização ou as fantasias do escritor. Ora, com ideias assim enraizadas, a literatura de ficção limita-se ao papel de fornecedora de sonhos e quimeras. Por sua vez, todos aquêles que procuram na leitura de romances o único objectivo de se distrairem, jamais poderão aproveitar toda a riqueza e experiencia que encerram as boas obras de literatura. E, a literatura, como bem diz o prof. Fideleiro de Figueiredo — é experiencia concentrada.

A vida de cada um de nós, por mais rica, por mais abundante em acontecimentos e experiencia não ultrapassa o âmbito mais ou menos acanhado das nossas relações. A vida que nos fornece a literatura é um mundo vasto, um amplo proscenio, onde se debatem e chocam milhares de problemas, onde se agitam mi-

lhares de pessoas diferentes com as suas paixões mais diversas. Mas, para aproveitar dessa riqueza, é preciso saber ler um livro, como exigia Heine. Não basta folhé-lo levanamente, assimilar a história, preocuparmo-nos unicamente com o imbróglio, e passar despercebidamente sobre o pensamento do escritor, a riqueza psicológica das suas personagens, a pintura do costumes, a anotomia da sociedade. Não basta, por exemplo, chegar ao fim da Eugénia Grandet, de Balzac, e saber que a protagonista do livro foi sacrificada e esmagada pelos preconceitos que a rodeavam; é preciso seguir o autor nos seus raciocinios, nas descrições do ambiente, é preciso também que nós expliquemos as causas que motivaram o insucesso da vida de Eugénia Grandet, as forças determinantes que a arrastaram até á ruina da sua existencia. Quer dizer: o leitor ao ler uma obra tem que formular perguntas, dar respostas, penetrar intellegendamente no âmago dos problemas que o autor levantou ou sugeriu.

Ora, para que o leitor de um livro, resulte útil, exige duas coisas indispensáveis: discernimento e espirito crítico. Só assim convenientemente orientado o leitor de romances poderá sjuizar do valor e riqueza das obras que lhe caíram nas mãos, só assim poderá estabelecer uma escala de valores na literatura. Doutra modo, qualquer livro mediocre lhe servirá, e jamais saberá distinguir os bons livros dos maus. Eis, porque encontramos pessoas, que embora se confessem habituais leitores de romances não souberam beneficiar das suas leituras e não conseguiram alargar os horizontes da sua cultura.

Rodrigues Pena

Assinal «Notícias do Algarve»

Senhores Proprietários

Ao escolherdes um grupo para Rega—deveis preferir um WISCONSIN PORQUÊ?

Porque possui motor WISCONSIN de mais baixa rotação, 1.600 rotações por minuto

ISTO SIGNIFICA LONGA DURAÇÃO

POTENCIAS DE 2,75/4,3 H. P. e de 3,5/6 H. P.

MAGNETO ISOLADO DE ALTA CAPACIDADE significa arranque facilimo

CARBURADOR ZENITH ou STROMBERG representa grande economia de combustivel

FILTRO DE AR a banho de oleo — Impede que as poeiras e areias penetrem no motor

UM GRUPO COM APERFEIÇOAMENTOS QUE NENHUM OUTRO POSSUI

AGENTES EM PORTUGAL

CASA CAPUCHO - Rua de S. Paulo, 113—LISBOA

Em Vila Real de Santo António

Agência Comercial e Marítima do Sul

Avenida da República, 65-66

TELEFONE N.º 76